

A NÃO VIOLÊNCIA E A CULTURA DE PAZ NA PRÁTICA COM MÃES DE ALUNOS DA EDISCA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas

Kelma Socorro Lopes de Matos

Maria Aparecida de Medeiros

Viviane Alves de Oliveira Feitosa

Os maiores *insights*, entendimentos e princípios do universo são revelados em cada minúscula vila ou aldeia. O mundo natural pode inspirar-nos, nutrir nossa sabedoria, família, amigos, vizinhos e grupos comunitários. Essa imediata e direta experiência disponível a nós pelo ambiente natural e social de nossa terra natal pode alimentar a compaixão, a boa vontade, a gentileza, a sinceridade e os corações humildes. (MAKIGUCHI 2002, p.21)

Nesse artigo descreve-se a experiência realizada na Edisca – Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente, organização da sociedade civil, que concebe sua pedagogia dentro do conceito grego de Paideia: o desenvolvimento das diversas dimensões do ser. Essa abordagem integral possibilitou uma gama de conhecimentos ligados à construção da Cultura de Paz, a partir de encontros com mães de alunos, durante nove meses, estabelecendo relações profícuas de confiança e parceria. Várias metodologias foram utilizadas como: os Círculos de Construção de Paz – metodologia desenvolvida por Kay Pranis (WATSON e PRANIS, 2010) e as noções da Comunicação Não Violenta desenvolvidas por Marshall Rosenberg (2003), da Escola de Diálogo e justiça restaurativa cuja metodologia é promovida por instituições como o CDHEP – Centro de Direitos Humanos e Educação Popular na sua Escola de Perdão e Conciliação.

Dentre os resultados percebidos estão a confecção do cordel O Livro da Vida, desenvolvido pelo poeta, repentista cearense Zé Maria de Fortaleza, criado por solicitação do

grupo, que possibilitou a visualização do processo de edição e publicação, a cada uma participante, além de tangibilizar os aprendizados, ao compartilhar com parentes e amigos de suas comunidades, além da mudança de comportamento dos membros integrantes do projeto.

NO ENCONTRO AMOROSO O GESTAR DA CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Visando co-criar coletivamente um resultado que partisse da identificação das necessidades básicas e dos sentidos individuais dos sujeitos, foram realizados, entre fevereiro e novembro de 2014, encontros de formação e vivências com quinze mães de alunos da Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente (Edisca). Roteiros foram desenhados para cada encontro, utilizando-se a metodologia dos Círculos de Construção de Paz desenvolvida por Kay Pranis (2010), como principal ferramenta utilizada para facilitar os diálogos e falas.

Os autores utilizados embasam a experiência do projeto na comunicação dialógica para formação e co-criação experiencial e vivencial. Dentre eles, o educador japonês Tsunessaburo Makiguchi do início do século XX, referido aqui, por meio da tese *A Pedagogia da Felicidade* (VOSS, 2013). Para Makiguchi o sistema pedagógico de criação de valores humanos (bem, benefício e beleza) emergem da experiência. O que se buscou foi trabalhar com essas mulheres a sensibilização para a percepção dos contextos vivenciais em que estão inseridas, sua riqueza e complexidade, tecidos por valores humanos e seu reconhecimento.

A construção das narrativas foi desencadeada a partir das lembranças e das trocas de expressões, ao apresentarem suas histórias, das trocas de experiências, percepções e sentimentos, através da apresentação de vídeos e textos para leitura coletiva ligados à reflexão sobre o eu verdadeiro, à conceituação de paz e justiça social e à compreensão do “perigo da história única”.

Os acordos específicos, em meio aos recursos disponíveis, possibilitam formas diferentes de organizar a vida, em especificidades, em culturas determinadas. A cultura de paz busca a interiorização de uma ética de convivência consolidada pelos laços de solidariedade, construídos e assentados na comunidade. “O bem, como produto da ética de solidariedade, é fundamental para a criação dos valores humanos”. (VOSS, 2013, p.67)

Cada encontro foi pensado de forma a possibilitar o desenvolvimento de um espaço de confiança, que se iniciou com o propósito de que ao refletir, a partir do compartilhamento de saberes, com o objetivo de (re) conhecimento e identificação dos percursos que foram tecidos conjuntamente na construção de ambiências de paz, essas mulheres fossem identificando e definindo de forma autêntica e segura para si mesmas quais eram suas necessidades básicas, verificando se estavam sendo atendidas ou não e por quê. Este exercício permitiu que pudessem compreender novas formas de comunicar ao mundo seus pedidos e necessidades. “O que eu quero em minha vida é compaixão, um fluxo entre mim mesmo e os outros com base numa entrega mútua, do fundo do coração” (ROSENBERG, 2006, pág. 19).

A metodologia dos círculos de construção de paz – processo proveniente do estudo sobre o modo de vida dos povos da primeira nação, visa criar relacionamentos mais significativos e com mais profundidade, com ênfase na visão que cada participante tem sobre a vida e sobre o que trouxe para o círculo, através da contação de histórias e do compartilhamento de valores, por meio do objeto da fala. Essa metodologia possibilitou às mulheres o pensar sobre os problemas com franqueza, verdade e integridade de propósitos, construindo autonomia e empoderamento. Os encontros eram recheados de perguntas, com a solicitação de que sempre se falasse na primeira pessoa, de acordo com o que orienta Rosenberg (2003, pág.79), a fim de: “Assumir a responsabilidade por nossos sentimentos”, favorecendo o exercício do pensar, a responsabilidade sobre o sentir e a comunicação sem atribuição a outra pessoa, evitando assim autodefesa e contra-ataque, prenúncio de uma relação violenta.

“Você tem um belo problema, deixe-me resolvê-lo para você”, eis a ideia a evitar. Essa é também a razão pela qual Gandhi é contra a participação delegada: mesmo que você aja aqui e agora, se o fizer em nome de outros atuará de modo a diminuir-lhes a autonomia. Os oprimidos e espezinhados devem levantar-se em seus próprios pés contra as condições que os tiranizam e subjagam.” (GALTUNG, 2003, pág. 104)

Outro foco da investigação foi buscar a mudança de atitude interna de passividade, conforme descrito em Varma (2002, pág. 12), “gerando respeito próprio dignidade e coragem”. Para Gandhi, essa é uma orientação eminentemente pedagógica, pois segundo ele “antes de combater a injustiça é necessário auto educar-se”.

Educar o grupo era meta seminal do projeto, sendo necessário levar em consideração sua realidade e identidade cultural (FREIRE, 1991), a partir das diversas histórias de vida dos indivíduos, assim como a partir da história de vida do mediador do projeto (no caso, uma paulistana vivendo há um ano em Fortaleza). Dentre as questões importantes estavam as crenças: imaginava-se que todo o grupo era composto por evangélicas.

No decorrer dos encontros, com o ambiente de confiança aumentando, católicas, espíritas e a mediadora budista puderam se declarar sem estranhamentos – foi preciso percorrer percursos de confiança mútua, muita escuta e cuidado para permitir fluir as falas autênticas – num primeiro momento expressões monossilábicas ou bruscas – “não me interessa fazer essa atividade/ não me diz nada/ ficarei do lado de fora da sala esperando “minha menina/ fico dentro de casa porque não me interessa saber o que acontece na rua”. Esse movimento de abertura permitiu que realidades únicas surgissem, como a da mãe que morava no bairro Bom Jardim e resolveu prestar o exame Enem juntamente com a filha para incentivá-la nos estudos, obtendo aprovação em filosofia, seguindo os estudos, enquanto a filha não foi bem-sucedida. Tais realidades nos incitavam a questionar: quais os meios de formar vínculos a partir das respostas que vinham do próprio processo – encontrando o sentido de estar ali? Era preciso oferecer espaço para cada uma se manifestar, conforme mencionado por Voss em sua tese sobre a obra do educador e líder budista Tsunessaburo Makiguchi, do início do século XX, no Japão, quando afirmava que ele acreditava numa ordem planetária e numa conectividade mundial, a partir do engajamento com a comunidade.

“Esse mundo comunitário de onde Makiguchi vê a vida emergir de forma contundente não diz respeito a uma volta aos valores tradicionais. Trata-se de mostrar o enraizamento do homem na comunidade e a importância de uma ética incorporada de criação de valores humanos, que se constrói vivenciando o contato diário o espaço onde as relações humanas se dão a conhecer e onde treinamos nosso julgamento. Essas relações são

construídas por pessoas que choram, que sofrem, que riem, que param, que comem, que convivem, que sonham, que ritualizam, que mistificam. Dizem respeito a uma humanidade que emana da singularidade e do imponderável que o viver traz. Referem-se a um homem universal que se projeta e se identifica com o outro não só nos prazeres, mas também nas dores do mundo. Como a flor do lótus emerge do lodo, o homem é a expressão mais refinada do mundo por produzir conhecimento por meio das vicissitudes da vida. (VOSS, 2013, p. 55, 56)

A adesão à proposta do projeto foi processual e na esteira da construção de sentidos. Exemplo foi uma vivência circular em que foi trabalhada a percepção de quantas pessoas do grupo poderiam estar envolvidas em “querelas”. Uma mãe relatou uma “briga” com a vizinha. Esse relato permitiu ao grupo ampliar a percepção sobre como o fato ocorreu e como poderia ter sido diferente, caso a prática da comunicação não violenta pudesse ter sido utilizada. Essa mãe descobriu a abrangência dos impactos, principalmente nas crianças, a partir do comportamento dos adultos:

– *“Eu percebo que poderia ter resolvido de forma diferente a briga que tive com minha vizinha nesta semana, depois do que ouvi aqui” - Pergunta problematizadora após o primeiro relato de como foi a briga: “quantas pessoas haviam no entorno desta briga?”. “Pensei que havia somente eu e ela na hora da briga, mas estavam meus filhos, os filhos dela e meu marido! Agora eu percebo. ”*

A rodada de encontros foi se desenrolando até que o grau de confiança permitiu a manifestação das mães sobre qual era o propósito da escola. Acordou-se conjuntamente que, para se chegar a esta compreensão, seria importante percorrer os quatro pilares da Unesco: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser, conceitos fundamentais na educação, baseados no Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

A generosidade do grupo permitiu que esta dança da vida pudesse ir sendo executada. Em “Aprender a Conhecer” foi sugerida leitura – primeiramente individual – depois em duplas e, por fim, em dois grandes grupos, por meio da escolha de livros infantis variados – cuja lista de compra foi supervisionada pelos profissionais da Associação Palas

Athena. Livros que propiciam o reconhecimento de valores humanos. Ao exporem o que tinham lido, o aspecto lúdico propiciado pela “inversão de papéis” – agora era a mãe ou avó com a tarefa de casa da leitura – possibilitou a essas mulheres saborear a experiência não somente da leitura – umas apresentando às outras o que tinham lido e conhecido – como também engajamento no estímulo à leitura para os respectivos filhos e netos.

As rodas de sensibilização que se sucederam incluíram tarefas como assistir ao filme O Perigo da História Única, vídeo da série TED – Technology, Entertainment and Design com a escritora Chimamanda Adichie que discorre sobre estereótipos e suas consequências, ou a definição de conflito por JARES (2006, PÁG.148), que enfatiza seu caráter pedagógico como abertura para oportunidade de investigação.

No tema “Aprender a Fazer” foi proposto que o grupo trabalhasse sobre desenhos dos filhos, que elas solicitariam a partir da reflexão de tudo o que fôra visto e discutido ao longo do período. Os desenhos em preto e branco se transformaram depois em bordados pelas mães.

Os saberes e fazeres expandiram a concepção do grupo sobre sua potencialidade e capacidade. Os bordados citados anteriormente, transformaram-se em um livro de tecido, em que cada página era um bordado de uma mãe – a partir dos desenhos dos filhos, transpondo o individual e instaurando uma vivência de produção coletiva, em que todas puderam por diversas vezes experimentar variados tipos de costura para o fechamento do trabalho, assim como trocar afetividade a ponto de criarem celebrações de aniversários e outras surpresas e gentilezas entre elas – resultando na decisão coletiva de como realizar o fechamento do Livro da Vida – assim como foi denominado por elas. Seria costurado? Seria bordado? Teria fita no arremate? Realizaram quatro tentativas, todas fruto de diálogo entre as integrantes do grupo. Uma demonstração de mudança de comportamento, formação e qualidade de vínculos e fortalecimento da rede.

Neste ponto foi possível trabalhar o último pilar da Unesco: “Aprender a Ser”, evitando o que Cabral (2015) explica como um congelamento da vivência, impossibilitada, então, de se tornar experiência. Um passado presente que não quer se tornar passado, trabalhando para reelaboração narrativa de sua própria existência.

Não podemos nos adaptar, é a vida. Mas a resposta adaptativa pode ser benéfica ou maléfica, de acordo com as transações que se passam entre o que o sujeito é e o que há em torno dele, no momento da interação. (CABRAL e CYRULNIK, 2015, pág. 53)

Por fim, foi feito convite ao poeta Zé Maria de Fortaleza a descrever em formato de cordel toda a experiência vivida pelo grupo, o que auxiliou a todas uma melhor compreensão de sua trajetória nesse processo. O poeta, cantador, repentista, ator e cordelista, membro da Academia Brasileira da Literatura de Cordel (ABLC) aceitou prontamente o convite para desenvolver uma produção que relatasse o processo desenvolvido pelas integrantes do grupo, abrindo espaço para a coautoria com o grupo de mães. Um prefácio foi escrito pela mediadora, incluindo um pequeno histórico do processo e o nome de cada mulher e seu respectivo bairro, além de uma pequena bibliografia ao final. Fato interessante foi o de que algumas mulheres, a princípio, não queriam que figurasse no cordel o nome de seu bairro. Um trabalho de roda de diálogo foi realizado para sensibilizar o grupo sobre a importância de assumirem os locais onde moravam, como legítimas referências na cidade, vencendo o olhar preconceituoso, resultado de uma vida periférica e de suas decorrências culturais, nas dinâmicas desse viver.

A escolha do formato em cordel e do bordado foram elementos culturais adicionais no processo, representando ícones da cultura cearense, por fazerem parte do imaginário popular.

RESULTADOS:

Como resultado do projeto, o grupo se apresentou declamando o cordel do Livro da Vida, na celebração de fim de ano da escola, além de uma exposição dos trabalhos em bordado. Cópias do cordel foram reproduzidas em quantidade, em gráfica rápida, para viabilizar a distribuição por parte das mães em suas comunidades, a fim de explicarem aos parentes e vizinhos como tinham chegado àquele resultado.

Compreende-se pelos relatos o nível de percepção que as interações ganharam na vida dessas mulheres, se incorporando ao relacionar cotidiano, mudando posturas e formas de se relacionar com as demais, trazendo consciência nas percepções de uma convivência mais

saudável, como no trecho do relatório apresentado à Edisca sobre a legitimação ou não da prática violenta como escolha consciente:

A vivência permitiu que uma mãe dissesse o quanto o círculo a ajudou a se conter numa situação violenta que apelava para que ela revidasse com palavras fortes. Ela relatou que já foi capaz de perceber a situação que ia se formando e a escalada da violência aumentar e foi capaz de respirar, se distanciar da iminência violenta, dando uma resposta nova para a situação. Outra mãe contou um episódio, quando foi frentista num estacionamento em que foi abordada por um motorista que queria “dar um jeitinho” para que ela colocasse seu automóvel, privilegiando-o na frente dos demais. “Eu olhei para dentro de mim e calmamente disse a ele que não podia fazer o que ele estava pedindo, ponderei com ele que se colocasse no lugar de outra pessoa que poderia ser prejudicada com esta inversão de ordem dos carros, ao que ele continuou esbravejando, mas eu não cedi porque era o correto a fazer”, disse ela. “Continuei fazendo meu trabalho com um sentimento misturado, mas com a certeza de que fiz o certo. Na semana seguinte ele apareceu no estacionamento com uma flor, dizendo que refletiu muito sobre o episódio e pedia desculpas, que estava transtornado e a atitude dela mostrou a ele, que estava errado.”

Outro destaque foram as percepções surgidas a partir do DVD do Seminário Não Violência Doméstica, uma produção do Instituto Avon com conteúdo da Associação Palas Athena. O referido material traz o cenário biológico, histórico, filosófico e interativo na promoção de postura não violenta, favorecendo a reflexão das mães, ao entenderem que “todas as guerras são consentidas”. A observação permitiu a reflexão a respeito do significado de “consentir” na perspectiva da não violência – não somente uma guerra (um povo desenvolver-se para legitimar a adesão de um país a uma guerra), como também o processo cotidiano que pode legitimar ameaças às liberdades individuais e coletivas.

Por fim concluímos que o projeto se fundamenta na cultura de paz e educação para a paz ao cultivar as relações interpessoais, o empoderamento feminino, os valores onicompreensivos, as técnicas cooperativas, a utilização de círculos de construção de paz, a comunicação não violenta, a relação dialógica, o método socioafetivo e a gestão democrática do grupo, aspectos gerais do modelo sociocrítico utilizado na Cultura de Paz.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The Danger of a Single Story – O Perigo da História Única. Filmado em Julho de 2009. https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 09 de set. 2016.

BOONEN, Petronella Maria, www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10062011-140344/ A Justiça Restaurativa, um desafio para a educação, tese de doutorado, 28-06-2011, Faculdade de Educação USP. Pág.169. Acesso em 09 set. 2016.

CABRAL, Sandra; CYRULNIK, Boris. Resiliência – Como tirar leite de pedra. São Paulo, Casa do Psicólogo. 2015, pág. 53 – 61.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 20ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

GALTUNG, Johan. Gandhi hoje – O caminho é a meta. São Paulo, Palas Athena. 2003, pág. 104.

JARES, Xesús R.. Pedagogia da Convivência. São Paulo, Palas Athena. 2006, pág. 148.

VARMA, Ravindra. Gandhi – Poder, parceria e resistência. São Paulo, Palas Athena, 2002, pág. 12.

ROSENBERG, Marshall B.. Comunicação Não-Violenta, Editora Ágora, 2006, pág. 78.

VOSS, Rita Ribeiro. A Pedagogia da Felicidade de Makiguchi. São Paulo, Papyrus Editora. 2013, pág. 55 – 56 – 67.

WATSON, Carolyn Boyes; PRANIS, Kay. No coração da esperança. Guia de práticas circulares. Centro de Justiça Restaurativa da Suffolk Univeristy. Edição brasileira: Justiça para o século 21: instituindo práticas, www.justica21.org.br/arquivos/Guia_de_Praticas_Circulares.pdf e Guia do Facilitador www.justica21.org.br/j21.php?id=451&pg=0 . Acesso 07 abr. 2016.